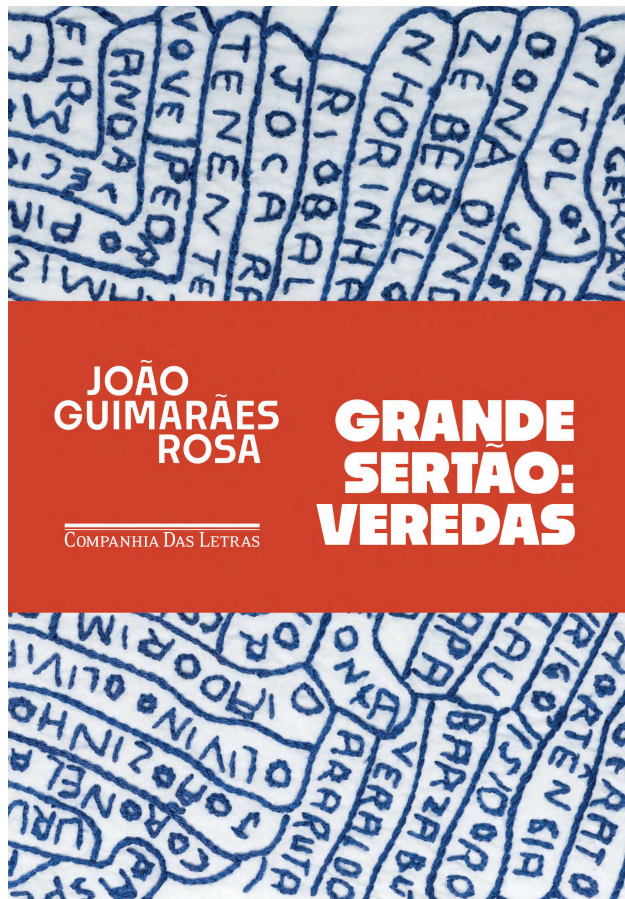


# MATERIAL DO PROFESSOR

**AUTORIA** LUIZ GUILHERME FERNANDES DA  
COSTA SAKAI, ESPECIALISTA DA COMUNIDADE  
EDUCATIVA CEDAC

**COORDENAÇÃO** CRISTIANE FERNANDES TAVARES,  
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



# MATERIAL DO PROFESSOR

**AUTORIA** LUIZ GUILHERME FERNANDES DA  
COSTA SAKAI, ESPECIALISTA DA COMUNIDADE  
EDUCATIVA CEDAC

**COORDENAÇÃO** CRISTIANE FERNANDES TAVARES,  
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

**GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

AUTOR

**JOÃO GUIMARÃES ROSA**

TEMAS

**DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA  
E COM A ANTROPOLOGIA;  
CIDADANIA;  
INQUIETAÇÕES DA JUVENTUDE**

GÊNERO LITERÁRIO

**ROMANCE**

*Conteúdo*

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para  
a Ação Comunitária

*Revisão*

Ana Luiza Couto

Marise Leal

# SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 6

*João Guimarães Rosa: da medicina à alquimia*, 6

*Grande sertão: veredas: a sociologia e a antropologia, afluentes da poesia*, 7

*Grande sertão: veredas no contexto do Novo Ensino Médio*, 10

*João Guimarães Rosa: “univerSozinho”*, 10

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **12**

*Pré-leitura: material de apoio à leitura*, 13

*Leitura*, 17

*Pós-leitura*, 25

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **29**

*Linguagens e suas tecnologias: Arte*, 29

*Ciências Humanas e Sociais aplicadas no Ensino Médio: Geografia/Sociologia*, 32

*Ciências Humanas e Sociais aplicadas no Ensino Médio: História e Filosofia*, 35

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **39**

*Algumas tentativas de domesticação da obra selvagem*, 39

Sugestões de referências complementares, **41**

*Filmes*, 41

*Série de televisão*, 42

*Teatro*, 42

*Música*, 42

Bibliografia comentada, **42**

Obras citadas, **44**

# APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Grande sertão: veredas*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

**1. Carta:** conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

**2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

**3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento:** sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

**4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra:** subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

**5. Sugestões de referências complementares:** indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

**6. Bibliografia comentada:** apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

**7. Obras citadas:** lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

## CARTA

Caro professor, cara professora,

O livro que você tem em mãos é uma obra-prima, um raro acontecimento literário, artístico e, em termo mais amplo, cultural. *Grande sertão: veredas* emociona — pela via do deslumbre e do assombro — gerações diversas de leitores mundo afora. Talvez a língua portuguesa nunca tenha sido tão feliz como o foi nas mãos de João Guimarães Rosa. Cada palavra, cuidadosamente burilada, está a serviço da construção de um universo. Cada sílaba, uma partícula que integra um corpo-monumento que, apesar de minuciosamente dissecado por especialistas, resiste enigmático: *Grande sertão: veredas* sempre terá muito a nos revelar.

Não se trata de um monumento composto a partir de receitas já existentes, repetindo fórmulas literárias consagradas e prestigiosas, valendo-se delas para se legitimar ou para se enquadrar a um movimento literário ou a qualquer modismo estético de época. Mas sim de um monumento que se erige sem par, solitário, portador de uma beleza própria, não descendente da beleza alheia já consagrada. Sem exageros ou força de expressão, estamos falando de um romance portador de uma “beleza selvagem”, de uma espécie de “pedra lascada”, bem diferente de “uma pilastra em concreto armado, geometricamente perfeita” (SANTIAGO, 2017, p.11).

Por essas razões, a leitura de *Grande sertão: veredas* já é, em si, um desafio do qual é impossível sair indiferente ou incólume. Nós, leitores, somos vertiginosamente tragados, página a página, em torvelinho, em redemoinho, por uma profusão de paisagens (selvagens) e uma imensidão de conflitos de ordem existencial. Abre-se uma senda e seguimos a vereda que se ramifica, infinitamente, em outras e mais outras.

O caminho é sem volta. A travessia, irreversível. Atravessemos-la.

## JOÃO GUIMARÃES ROSA: DA MEDICINA À ALQUIMIA

**João Guimarães Rosa** nasceu em 1908, na pequena cidade de Cordisburgo, em Minas Gerais. Médico, trabalhou alguns anos em várias cidades mineiras e em 1934 prestou concurso para o Itamaraty. A respeito da carreira de João Guimarães Rosa na diplomacia, vale a pena visitar o site do Instituto Rio Branco: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/demarcacao-de-limites/joao-guimaraes-rosa-chefe-da-divisao-de-fronteiras> (acesso: 2 jun. 2026). Da homenagem que a instituição presta ao médico, diplomata e escritor, destaca-se seu compromisso humanitário:

[...] de 1938 a 1942, ao lado de sua segunda mulher, Aracy de Carvalho, Guimarães Rosa deu auxílio para que judeus pudessem escapar do regime nazista para o Brasil, autorizan-

do, para tanto, número maior de vistos do que aqueles legalmente permitidos durante o Governo de Getúlio Vargas. Aracy foi homenageada no Jardim dos Justos entre as Nações, no Yad Vashem, que é o memorial oficial de Israel para lembrar as vítimas do Holocausto.

[MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES]

Guimarães Rosa estreou na literatura em 1936 com *Magma*, vencedor de prêmio da Academia Brasileira de Letras (ABL). O livro de poemas, no entanto, chegou ao público apenas em 1997, e foi considerado pelo próprio autor uma obra de menor relevância. *Sagarana*, de 1946, foi sua primeira publicação. À época, esse volume de contos longos chamou a atenção de um e outro leitor; Guimarães Rosa não fazia parte dos circuitos literários em voga e seu nome ainda era pouco conhecido entre poetas e escritores.

1956 foi, então, o ano em que tudo mudou. Se a estreia com *Sagarana* foi discreta, as publicações ocorridas depois de dez anos fariam do autor motivo de espanto e de incontável reconhecimento. Em janeiro, lançou *Corpo de baile*, dois volumes que totalizam sete novelas ou contos longos; em julho, publicou o romance *Grande sertão: veredas*. Dois calhamaços que cravariam o nome do autor entre os maiores escritores da língua portuguesa.

Com as obras posteriores, *Primeiras estórias* (1962) e *Tutameia: terceiras estórias* (1967), o autor passou a se dedicar a narrativas mais compactas. Ambos são conjuntos de contos breves, marcados pela concisão e que também confirmariam a “alquimia” praticada por João Guimarães Rosa (BOSI, 1994, p. 429).

No Rio de Janeiro, em 1967, três dias depois de nomeado membro da ABL, João Guimarães Rosa faleceu de enfarte. Deixou, ainda, um volume de contos longos intitulado *Estas estórias*, publicado postumamente, em 1969, e do qual se destaca outra obra-prima, o conto “Meu tio, o Iauaretê”. Em 1970, foi publicado *Ave, palavra*, um volume de textos diversos que vão de pequenos ensaios a correspondências com seus tradutores.

## **GRANDE SERTÃO: VEREDAS: A SOCIOLOGIA E A ANTROPOLOGIA, AFLUENTES DA POESIA**

Segundo o crítico e historiador Alfredo Bosi (1994, p. 429), a já referida Alquimia de Guimarães Rosa “tem sido o grande tema da nossa crítica desde o aparecimento dessa obra espantosa que é *Grande sertão: veredas*”. A partir dessa publicação (e também do lançamento de *Corpo de baile*), evidenciou-se ainda mais o tratamento (alquímico) que o escritor conferia à palavra.

Complementa Bosi que essas duas obras

[...] incluem e revitalizam recursos da expressão poética: células rítmicas, aliterações, onomatopeias, rimas internas, ousadias mórnicas, elipses, cortes e deslocamento de sin-

taxe, vocabulário insólito, arcaico ou de todo neológico, associações raras, metáforas, anáforas, metonímias, fusão de estilo, coralidade. [p. 430]

Trata-se, assim, de uma alquimia que maneja recursos expressivos e figuras de linguagens dos mais diversos. Recursos que são comumente mais valorizados pela poesia do que pelas narrativas em prosa corrente, de forma que esse romance pode ser lido como um imenso poema simultaneamente lírico e narrativo. O resultado é assombroso.

É difícil resumir, quem dirá em poucas linhas, o enredo e os temas abarcados por *Grande sertão: veredas*. A obra tem como protagonista Riobaldo, um jagunço aposentado que narra ininterruptamente, sem divisões em capítulos, suas memórias. A narração segue um fluxo vertiginoso, em incessante vai e volta, a um interlocutor de quem quase nada sabemos. A esse “senhor” (pronome de tratamento frequentemente empregado por Riobaldo) o narrador-protagonista revela, pouco a pouco, os eventos que mais marcaram sua vida, seus amores (com destaque ao de Diadorim), as histórias de amizade e de violência de seus tempos de jagunço, suas inquietações sobre o destino que cada um segue (representado também pelas veredas), sobre a existência, o bem, o mal (representado sobretudo pela inquietação a respeito da existência/não existência do demônio) e a vingança, entre muitos outros assuntos.

Vale a pena reproduzir o que se entende por *jagunço*, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009, p. 1124):

s.m. [1877]. 1 HIST B cangaceiro, criminoso foragido ou qualquer homem violento contratado como guarda-costas por indivíduo influente [p. ex. fazendeiro, senhor de engenho político] e por este homiziado. 2 HIST BA seguidor de Antônio Conselheiro [1828-1897], chefe religioso da rebelião de Canudos BA.

A esse respeito, ver também “Gênese dos jagunços”, capítulo de *Os sertões* (cap. II de “O homem”), de Euclides da Cunha (1866-1909), um dos responsáveis por popularizar o termo. Em acurada descrição, ainda que marcada por um distanciamento cientificista e por um ideário positivista bem diferente da prosa rosiana, esse autor destaca as expedições dos colonizadores pelo rio São Francisco, elo entre norte e sul do país. Diz-nos: “bateram-lhe [do Rio São Francisco] por igual as margens o *bandeirante*, o *jesuíta* e o *vaqueiro*” (CUNHA, 2019, p. 137). A partir dessas expedições e da escravização de populações locais/ameríndias

[...] Veio subseqüentemente o cruzamento inevitável. E despontou logo uma raça de curibocas puros quase sem mescla de sangue africano, facilmente denunciada, hoje, pelo tipo normal daqueles sertanejos. Nasciam de um amplexo feroz de vitoriosos e vencidos. [p. 142]

De forma que “aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (idem, ibidem). Não fosse o bastante, a tais temas filosóficos e enredos (apresentados por meio de ricos e infindáveis recursos expressivos), soma-se uma desconcertante paisagem, “rude e bela”, “de encanto extraordinário”, de forma que “o mundo de Guimarães Rosa parece esgotar-se na observação” (CANDIDO, 2002, p. 123-4). Abarcando a região do Norte de Minas, do Alto do Rio São Francisco, do Centro-Oeste ao Norte do país, o romance apresenta uma profusão de rios, morros, campos, pássaros e outros seres, mas sem exibir essa vasta catalogação da fauna e da flora da região, como se uma obra enciclopédica ou informativa. Muito além, a paisagem exerce um papel fundamental e dinâmico, de forma que muitas vezes o espaço geográfico pode ser projeção dos sujeitos da cena, sem dizer que se apresenta numa dimensão também simbólica. A esse aspecto, acerca do espaço em *Grande sertão: veredas* e nas demais obras rosianas, nos deteremos com mais vagar mais adiante neste material.

O romance também apresenta — mas longe de fazer descrições didáticas e informativas — a vida do brasileiro interiorano, repleta de costumes considerados arcaicos sob o ponto de vista cidadão. Aborda com ênfase, ainda, a ética que rege os jagunços, a reboque das leis estatais. Bem mais que se centrar em descrições de tipos sociológicos, a obra confere complexidade e densidade psicológica às personagens, individualizando-as, apresentando suas inquietações e cosmovisões. Zé Bebelo, Joca Ramiro, Medeiro Vaz, Diadorim e o próprio Riobaldo, entre tantas outras personagens memoráveis, são apresentadas de modo fascinante, com suas contradições e paixões, com seu senso de justiça e seu desejo de vingança.

Assim, além de **diálogos com áreas como sociologia e antropologia**, *Grande sertão: veredas* apresenta diversas indagações filosóficas e existenciais — **inquietações** diversas que marcam não apenas a juventude e com as quais nos identificamos. Acrescente-se que a comunhão entre esses temas, que culmina nesse retrato simultaneamente sociológico e existencial, pode estimular o exercício da empatia e promover o respeito a outros saberes, identidades, culturas e potencialidades. Tais estímulos promovem o desenvolvimento de competências previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Novo Ensino Médio, além de contribuir para o exercício da **cidadania**.

Por todas essas razões, é um romance de difícil classificação. Lírico e científico (sem descambar para informações técnicas), filosófico, antropológico e sociológico, *Grande sertão: veredas* estabelece diálogo com diversas áreas do conhecimento. Gênero portador de narrativa mais extensa (pelo menos em comparação com o conto ou a crônica), o **romance**, nas palavras de György Lukács (2009, p. 72),

[...] em contraposição à existência em repouso na forma consumada dos demais gêneros, aparece como algo em devir, como um processo. Por isso ele é a forma artisticamente mais ameaçada, e foi por muitos qualificados como semiarte [...]

Portanto, trata-se de um gênero ao qual experimentos são bem-vindos, já que sem receita. E, nas mãos de Guimarães Rosa, como detalharemos nas próximas seções, o romance conheceu um de seus pontos mais altos (e solitários). Uma obra que, mais que inacabada (em constante processo, em devir), deságua no infinito.

## **GRANDE SERTÃO: VEREDAS NO CONTEXTO DO NOVO ENSINO MÉDIO**

Apresentados esses primeiros aspectos que marcam o romance, cabe mencionar que *Grande sertão: veredas* concentra uma série de ações envolventes que remetem a aventuras épicas e também emprestam características de novelas medievais — entre outras apontadas por Cavalcanti Proença em “Trilhas no grande sertão” (1959), estudo célebre e minucioso sobre esse romance. O que reforça o caráter fascinante da obra, a misturar ação e lirismo de uma forma jamais vista. Vale lembrar que todos esses aspectos, aqui rapidamente pincelados, serão abordados posteriormente.

Esse romance mescla não só diversas áreas do conhecimento, mas também variados gêneros e vertentes literárias, como veremos ao longo deste material. Dadas as inesgotáveis possibilidades interpretativas que a obra inspira, a presente edição traz um texto do crítico literário Davi Arrigucci Jr., uma longa cronologia de Guimarães Rosa e uma lista com sugestões de leitura. Um prato cheio aos leitores já fascinados pela obra, bem como aos que a lerão pela primeira vez.

Obra importante para a formação leitora ao longo do Novo Ensino Médio, *Grande sertão: veredas* oferece, muito além de uma rara experiência estética (o que em si já é bastante), elementos que intrigam estudiosos de diversas áreas. Por isso, é imprescindível aos estudantes que, entre arte, ciência e outras áreas, estão a decidir que caminho seguir. Seja qual for a vereda, o livro tem muito a dizer.

## **JOÃO GUIMARÃES ROSA: “UNIVERSOZINHO”**

Mais de uma vez, mencionamos que *Grande sertão: veredas* consiste numa obra sem par, objeto estranho quando cotejado com seus contemporâneos ou predecessores. Sob orientações cronológicas, os manuais didáticos e os livros de história da literatura costumam incluir Guimarães Rosa no filão de autores da terceira geração do modernismo brasileiro, também conhecida como Geração de 1945. Em boa companhia, Guima-

rães Rosa aparece ao lado de Clarice Lispector (1920-77) e de João Cabral de Melo Neto (1920-99), entre outros escritores do período. Contudo, a obra de Guimarães Rosa surge estranha porque repleta de arcaísmos, embora com qualidades também associadas a vanguardas modernistas. Basta ver a ruptura absoluta com o tempo cronológico que marca a obra, ou o poliglotismo inventivo à semelhança de um James Joyce (1882-1941) e que sutilmente se manifesta na fala do brasileiro interiorano da ficção rosiana.

Críticos como Antonio Candido ou Roberto Schwarz, respectivamente, compararam *Grande sertão: veredas* a obras como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Doutor Fausto*, de Thomas Mann (1875-1955). Primeiro porque a obra de Euclides da Cunha apresenta a vida do interiorano brasileiro (jagunço/sertanejo) à margem da República, além de amplas descrições da terra. Segundo porque *Doutor Fausto* é, também, uma narrativa sobre o suposto pacto com o diabo, talvez a maior das inquietações de Riobaldo. Tais comparações contribuíram para elucidar a obra-prima de Guimarães Rosa. No entanto, há muito a se descobrir a respeito do “monstro rosiano” (SANTIAGO, 2019, p. 506).

# PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Grande sertão: veredas* é leitura imprescindível aos estudantes do Novo Ensino Médio. Segundo a BNCC, nessa etapa

[...] os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas; ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos; e refletem sobre a vida e o trabalho que gostariam de ter. Encontram-se diante de questionamentos sobre si próprios e seus projetos de vida, vivendo juventudes marcadas por contextos culturais e sociais diversos. (BRASIL, 2018, p. 481.)

Para tanto, a arte ocupa papel fundamental, visto que promove o

[...] desenvolvimento da autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre o pensamento, a sensibilidade, a intuição e a ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito sobre si, o outro e o mundo compartilhado. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam e se interconectam, em uma perspectiva crítica, sensível e poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. (Idem, p. 482.)

Cabe à escola ser o elo entre estudante e arte, e criar condições para que os estudantes do Novo Ensino Médio ampliem sua autonomia no que toca à competência leitora, à fruição estética e também à atuação artística e/ou política para além do espaço escolar. *Grande sertão: veredas*, apostando na inteligência e sensibilidade de seus leitores, torna-se um aliado fundamental para o desenvolvimento dessas competências, a contribuir potencialmente, por consequência, para o exercício da cidadania.

Tentamos elencar, de forma ainda insuficiente, alguns elementos que destacam o rigor e o vigor estético que caracterizam a obra. Artista dos mais minuciosos, João Guimarães Rosa estabelece uma relação única com cada palavra que registra. Os versos finais do poema “Procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade, bem ilustram essa relação (2012, p. 12):

*Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma*

*tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?*

E, sim, parece que Guimarães Rosa trouxe a chave. Como quem visita uma terra simultaneamente deslumbrante e assustadora, farta de águas doces mas com espaço à aridez e à secura (vide Liso do Sussuarão), observamos cada palavra como elementos componentes de uma paisagem. Aliás, *Grande sertão: veredas*, mais que uma paisagem, pode ser um bioma. Somem-se a isso as possibilidades de leituras sociológicas que a obra também inspira, o que reforça que a arte pode contribuir para que se desenvolvam “formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética” (BRASIL, 2018, p. 523).

Na sequência, apresentam-se sugestões de atividades para as aulas de Língua Portuguesa, bem como de mediação de leitura. Em vista das possibilidades de trabalhos interdisciplinares que o livro inspira, posteriormente traremos mais algumas sugestões de atividades que dialogam com outros componentes curriculares do Ensino Médio. Cabe destacar que as propostas, aqui, se complementam: realizadas conjuntamente, podem contribuir para uma leitura mais ampla da obra. Ou seja, os comentários analíticos sobre o livro contemplarão diversos componentes curriculares, não se esgotando nas aulas de Língua Portuguesa.

## **PRÉ-LEITURA: MATERIAL DE APOIO À LEITURA**

As atividades sugeridas contemplam as seguintes competências e habilidades previstas na BNCC do Ensino Médio:

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1:** Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6:** Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar

significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

#### **HABILIDADES**

**(EM13LP48)** Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

**(EM13LP49)** Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

Ainda que os estudantes do Novo Ensino Médio se encontrem em estágio autônomo na realização de atividades escolares, é necessária a mediação de leitura por parte do professor, sobretudo no caso de um romance extenso e complexo como esse. Afinal, *Grande sertão: veredas*, da primeira à última palavra, do *nonada* à *travessia*, revela-se instigante e desafiador. Além disso, é um romance que apresenta memórias do jagunço aposentado Riobaldo, obcecado por recapitular os fios da trama de sua vida, por conferir-lhes coesão: ele busca um sentido para os eventos que marcam sua existência. Um romance sobre a *experiência*, sobre o que se pode depreender da vida, e narrado de forma nada linear, um romance em que o tempo cronológico é solapado e dá lugar ao tempo psicológico — no passo dos afetos de Riobaldo, que desenrola um infinito novelo de memórias por meio do qual nos guiamos nas tramas e paisagens labirínticas.

Por *experiência*, entenda-se aqui um conjunto de leituras individuais e de especulações que um sujeito faz dos eventos que lhe ocorreram. O melhor intérprete é quem os viveu. A experiência é avessa, portanto, à verdade absoluta, cristalizada. Como veremos, no balanço de sua travessia — o leito do rio, o curso da vida —, Riobaldo apresenta mais dúvidas que certezas, assumindo em geral uma postura reflexiva diante dos fatos. Dúvidas e reflexões que vão do amor à morte, violência, justiça, vingança, à existência e origem do mal, sem chegar a uma conclusão taxativa: “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento [...] (p. 92)”, diz Riobaldo.

A respeito da experiência em *Grande sertão: veredas*, veja o belo ensaio “Sertão: mar e rios de histórias”, de Davi Arrigucci Jr., no final do volume. Por mais que considere esse livro um mar épico, desaguadouro de histórias, a história contada por Riobaldo “se arrisca na travessia solitária do mar”. O romancista “é obrigado a narrar a experiência individual, ou seja, ele é o narrador de uma travessia individual” (p. 543).

Vale complementar com Ian Watt que o romance se consolida como gênero literário em decorrência de uma concepção inovadora, moderna, voltada para o indivíduo. Expressa a “busca pela verdade como uma questão inteiramente individual” (2011, p. 13). Por isso, se diferencia de narrativas antigas, como as epopeias da Antiguidade Clássica, que visam a uma representação coletiva, de um povo, sem se voltar às particularidades do indivíduo.

Essa breve descrição do enredo pretende, por um lado, continuar a apresentar aspectos da obra que foram pincelados nas páginas anteriores. Por outro lado, visa estabelecer uma reflexão sobre as experiências na sala de aula. As questões suscitadas por Riobaldo revelam inquietações que nos inspiram a pensar em nossa própria existência. Conversar sobre esses temas com os estudantes, estimular que reflitam sobre suas experiências, é fundamental para aproximar os leitores dessa obra cuja linguagem pode inicialmente causar estranhamento e espanto. Ainda, como diz bell hooks: considerar as experiências dos estudantes em sala de aula, valorizá-las, “se baseia no pressuposto de que todos nós levamos à sala de aula um conhecimento que vem da experiência e que esse conhecimento pode, de fato, melhorar nossa experiência de aprendizado” (2019, p. 114).

Assim, sugerimos que cada estudante produza um pequeno dicionário ou glosário em que proponha definições para as palavras a seguir, que, de algum modo, resumem os temas que motivam reflexões por parte de Riobaldo: *amor, justiça, vingança, viver, morte, violência, bem e mal*, entre outras, com destaque ao *tempo*. A ideia é que o estudante proponha significações a esses vocábulos com base tão somente em seu próprio entendimento, sem contar com o apoio de dicionários ou de outros livros. É importante que o professor estimule formulações poéticas, metafóricas. Posteriormente, os estudantes podem trocar entre si, apresentar e compartilhar com os demais colegas as definições propostas. Tal atividade, bem como a valorização da experiência individual em sala de aula, pretende aproximar a literatura e os jovens, e também estimular a sensibilização à leitura. Esse material será retomado nas atividades de pós-leitura.

Na sequência, recomendamos que se discutam algumas questões sobre o gênero romance. O que os estudantes entendem por esse gênero literário? Quais são os autores que marcaram sua trajetória e formação como leitores?

Vale, à guisa de introdução à obra de Guimarães Rosa, apresentar uma das narrativas que integram o livro *Primeiras estórias*: o célebre conto “A terceira margem do rio”. A

leitura desse conto pode contribuir para uma fruição mais ampla da linguagem inventiva de Guimarães Rosa. Também é possível estabelecer um diálogo entre esse conto e *Grande sertão: veredas*, o que será abordado posteriormente neste material (p. 16-17 e p. 19).

Narrado em primeira pessoa, por uma personagem cujo nome desconhecemos, “A terceira margem do rio” tem início com uma breve descrição do pai, “cumpridor, ordeiro, positivo” (1985, p. 32), e que encomenda uma canoa, sem que a família saiba a razão de tal escolha. Silencioso, segue na canoa, e abandona a família:

Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida e longa. Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. [p. 33.]

Ano após ano, o pai não volta e, ao que consta, nunca se dirige a nenhuma das duas margens do rio. Silencioso, permanece nas águas, sem acompanhar as transformações pelas quais a família passa, sem responder a seus chamados, aparentemente alheio a todos:

Não queria saber de nós; não tinha afeto? [...] Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. [p. 35]

Já com “uns primeiros cabelos brancos” (p. 36), o narrador toma a decisão de propor ocupar o lugar do pai na canoa. O pai parece aceitar. Mas, diante disso, o filho foge “porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão” (p. 37).

Depois, ninguém nunca mais soube do pai. Culpado e adoecido, em tom de lamento, o narrador encerra a bela estória:

Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. [p. 37]

É recomendável que se leia o conto em voz alta, valendo-se da estratégia da leitura compartilhada. A oralidade facilita o reconhecimento de nuances rítmicas e o sabor sonoro que marcam a obra de Guimarães Rosa. À medida que a leitura avança, discuta com os estudantes os elementos do enredo, sem deixar de lado alguns efeitos de linguagem rosiana, portadora de marcas de oralidade, de efeitos sonoros diversos, e caracterizada por expressões pouco usuais. Tais recursos, se já são patentes nessa obra, em *Grande sertão:*

*veredas* ocorrem à farta. Cabe então refletir sobre o título, sem que se pretenda uma conclusão definitiva. No que consiste essa “terceira margem”?

Para complementar, recomendamos apresentar aos estudantes a canção “A terceira margem do rio”, com melodia de Milton Nascimento e letra de Caetano Veloso, gravada por Caetano no disco *Circuladô* [1991]. Note-se que a canção, além de resgatar o enredo da narrativa e de reelaborá-lo em versos, apresenta também expressões que, em si inventivas, aludem e homenageiam o processo criativo de Guimarães Rosa, raro artesão da palavra. A palavra é matéria; João Guimarães Rosa, fonte que inspira também outros artistas.

Antes de adentrar nas palavras do livro, pode-se apreciar sua capa com os estudantes. Observe-a atentamente e apresente as informações no fim da “Nota sobre esta edição” (p. 7): a capa é, em si, outra obra de arte, inspirada em *Manto da apresentação*, de Arthur Bispo do Rosário, e é fruto do trabalho de Alceu Chiesorin e Elisa Braga. Vale a pena pesquisar imagens e características da bela obra do sergipano Arthur Bispo do Rosário, o que pode ser feito em parceria com o componente curricular de Arte. Vale também observar e trocar impressões sobre as ilustrações de Poty Lazzarotto.

Sobre Poty Lazzarotto sugerimos: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1567/poty-lazzarotto> (acessos em: 2 jun. 2026).

A capa do romance, como se vê, se inspira no lado avesso do bordado de Arthur Bispo do Rosário e apresenta o nome das personagens do romance — esse bordado de Rosário estimula reflexões a respeito da morte e do que realmente importa em vida. O diálogo com *Grande sertão: veredas*, como veremos, é patente.

## LEITURA

O caminho de leitura aqui sugerido contempla as seguintes competências e habilidades previstas na BNCC:

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1:** Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais [artísticas, corporais e verbais] e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação so-

cial, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

**(EM13LGG101)** Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

**(EM13LGG102)** Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade.

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6:** Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

#### **HABILIDADES**

**(EM13LGG601)** Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

**(EM13LGG602)** Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

**(EM13LP47)** Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

Discutidos os principais aspectos de “A terceira margem do rio”, cabe agora finalmente passar à leitura de *Grande sertão: veredas*. A escolha por esse conto se justifica também porque o rio, na obra de Guimarães Rosa, é tratado não só como elemento geográfico, mas também em sua dimensão simbólica. No caso do romance, como bem observa Antonio Candido, o rio São Francisco “divide o mundo em duas partes qualitativamente diversas: o lado direito e o lado esquerdo, carregados do sentido mágico-simbólico que esta divisão representa para a mentalidade primitiva. O direito é o fasto; nefasto o esquerdo” (2002, p. 124).

É válido mencionar que o mesmo crítico, ao analisar a obra rosiana, toma de empréstimo a divisão proposta por Euclides da Cunha em *Os sertões*, composto de três partes: a terra, o homem e a luta. Antonio Candido divide sua leitura de *Grande sertão: veredas* em dois desses eixos: o homem e a terra. Considerar essa organização, que enfatiza a construção das personagens e também das paisagens, pode contribuir para análise em sala de aula, dadas as infinitas possibilidades (veredas) de abordagem dessa vasta obra.

Por mais que ocorram associações entre a obra de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa, até porque possivelmente o primeiro foi um dos responsáveis pela popularização do conceito de *sertão*, é importante pontuar que a obra de Guimarães Rosa desenrola-se no cerrado, ao passo que *Os sertões* se ambienta no semiárido brasileiro. Assim, o sertão, como veremos ao analisar a obra, não se restringe à região a que Euclides da Cunha viajou para denunciar o genocídio em Canudos. A própria aceção da geografia reitera isso.

Para a Geografia, o sertão no Brasil corresponde à vastíssima zona interiorana, que começou a ser penetrada ainda no Século XVI, logo depois da chegada dos colonizadores, quando as fazendas de gado foram separadas das fazendas agrícolas, particularmente na Região Nordeste. Enquanto a produção agrícola, principalmente a cana-de-açúcar, ficava basicamente restrita à faixa litorânea, a criação de gado se estendia para as remotas paragens do interior do continente. A restrição a sua marcha era somente os cursos d'água mais caudalosos ou as serranias mais formidáveis. O geógrafo ou qualquer outro estudioso, porém, pode e deve especificar qual o “sertão” a que se refere. (ANTONIO FILHO, 2011, p. 85)

Recomendamos de antemão que se crie um clube de leitura dedicado à troca de impressões e de experiências a respeito de *Grande sertão: veredas*. Por mais que o livro possa ser lido individualmente, no passo dos estudantes, a constante interlocução com os colegas pode servir de estímulo para apreciar ainda a obra e para superar eventuais dificuldades da travessia: como o bando de Riobaldo, no coletivo se vai mais longe. As partes iniciais do romance, dada a profusão de temas em princípio aparentemente desconexos, demandam maior atenção. Por isso, convém haver acompanhamento do professor.

A começar pela primeira palavra “— Nonada”, já ela mesma incomum. Note-se que o travessão indica a fala de um personagem, a sugerir que tudo o que se segue provém da *oralidade* do narrador.

Segundo João Adolfo Hansen, pode-se traduzir o significado de *nonada* como se o signo fosse um nome: “o nada”, “coisa alguma”; como um pronome substantivo: “nada”; como um advérbio: “em lugar algum”, “em parte alguma”, “no nada”; como uma predicação: “algo não é coisa alguma”, “isso é nada”, “algo é no nada”, “algo é nada” [...] (2000, p. 43).

Na sequência, percebe-se que Riobaldo menciona um interlocutor: “Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego” (p. 13). As duas primeiras frases de algum modo já sugerem a estrutura da obra: um falando, outro ouvindo. Esse outro, um forasteiro, pelo visto alheio ao universo sertanejo. O que leva Riobaldo a explicar o que são aquelas terras:

[...] O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja [...]. Lugar sertão se divulga: é onde os pássaros carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. [...] O sertão está em toda a parte. (p. 13).

Ou ainda:

Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal... (p. 23)

Vale a pena ver o que Guimarães Rosa confessa a seu tradutor Gunten Lorenz, responsável por verter a obra rosiana ao alemão:

Instintivamente, fiz então o que era justo, o mesmo que mais tarde eu faria deliberada e conscientemente: disse a mim mesmo que sobre o sertão não se podia fazer “literatura” do tipo corrente, mas apenas escrever lendas, contos, confissões. Não é necessário se aproximar da literatura incondicionalmente pelo lado intelectual. (LORENZ, 1973)

Na sequência, alguns aspectos importantes: primeiro porque Riobaldo já prenuncia aquela que talvez seja sua principal inquietação: a existência do diabo. “Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalam no nome dele — dizem só: o *Que-Diga*. Vôte! não... Quem muito se evita, se convive.” (p. 13-14). Segundo por-

que, ao fazer menção a um certo Aristides e Jisé Sampilício (p. 14), ou menção à história de Aleixo (p. 17), de Maria Mutema (p. 200-204), percebe-se que, ao contrário do conto, caracterizado por um núcleo narrativo, no romance cabem inúmeras histórias. Ou causos. De forma que a narração de Riobaldo flerta com esse gênero oral, caracterizado também por expressões regionais. Por assim dizer, causos filosóficos, por meio dos quais Riobaldo elabora suas angústias.

*Grande sertão: veredas*, é bom lembrar, não se limita a expressões regionais. É patente que há inúmeras marcas de oralidade (a leitura em voz alta, já foi dito, contribui para que se percebam esses traços, bem como outros detalhes do ritmo rosiano), mas, muito além, a prosa rosiana se vale de uma infinidade de outros recursos de linguagem, como os neologismos (por exemplo, *desfalam*), que aparecem em abundância nos textos do autor.

Além das características da prosa de Rosa que mencionamos via Alfredo Bosi, recomendamos o estudo escrito por Cavalcanti Proença, intitulado “Trilhas no grande sertão” (1959). Na minuciosa análise sobre o romance, o autor dedica um capítulo de seu amplo estudo às questões do estilo rosiano, caracterizado pelo estudioso como barroco. O que resulta numa prosa que “oscila entre o antielocuente e o lúdico, o meramente encantatório” (p. 210). Entenda-se que, para tanto, o autor faz do sistema linguístico não um “elemento de expressão”, mas de “criação”. Mais que marcas de oralidade, a prosa rosiana revela-se portadora de “palavras eruditas”, “indianismos”, “latinismos” (p. 212-5).

Riobaldo, nessa instigante e já densa introdução, se apresenta como sujeito reflexivo: “E me inventei neste gosto, de especular ideia [...]. Viver é negócio muito perigoso...” (p. 15). Essa última frase soa como marcador rítmico do texto. Volta e meia aparece ao longo do romance. Aparentemente, é a única certeza que Riobaldo carrega, com base nos próprios perigos que caracterizam sua travessia-existência. Logo adiante, apresenta uma espécie de tese a respeito da questão que o inquieta. Trata-se, portanto, de uma importante passagem do romance:

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova? [...] Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. [...] [p. 15-16]

Para tornar mais claro seu ponto de vista, Riobaldo desenvolve uma analogia:

[...] Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor

já viu uma estranhez? A mandioca-dôce pode de repente virar azangada — motivos não sei [...]. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal. E que isso é? [...] são o demo. Se sabe? E o demo — que é só assim o significado dum azougue maligno — tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?! Arre, ele está misturado em tudo.

Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor — compadre meu Quelemém diz. Família. Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses. Só que tem os depois — e Deus, junto. Vi muitas nuvens. (p. 16-17)

As passagens apresentadas já muito têm a revelar. De um lado, vislumbra-se com mais precisão a linguagem em absoluto inventiva da qual o autor se vale: bem mais que veículo de expressão, matéria de criação (retomando Cavalcanti Proença). Note-se, ainda, que há menção a Quelemém, compadre e amigo de Riobaldo, a quem o narrador recorre quando tomado por angústias existenciais e/ou metafísicas. Quelemém contribui fundamentalmente para que Riobaldo construa sua própria cosmovisão e para que interprete um possível sentido aos eventos que marcam sua vida. Reforça-se também que o interlocutor, mais que forasteiro, é alguém que deve ter recebido educação formal, diferentemente de Riobaldo, cujo saber provém, em parte considerável, da própria experiência.

Além disso, a pontuação rosiana também não obedece às regras da gramática normativa. Segue uma lógica própria. Considere-se ainda que há marcas gráficas, como os hifens em certos termos (amigo-de-seus-amigos) que seriam a rigor dispensáveis se a preocupação fosse apenas com retratar, documentalmente, o universo oral sertanejo. Ao unir os termos, o hífen reforçaria a amizade e união a que se refere Riobaldo? Em Rosa, nada é fortuito. Converse sobre isso com os estudantes, sobre as nuances sonoras e gráficas e seus possíveis efeitos de sentido, destacando-se, também, a acentuação peculiar da obra. A nota sobre a presente edição (p. 7-8) traz exemplos sobre a acentuação rosiana.

Tudo isso desmitifica o senso comum de que a modalidade padrão da língua portuguesa seria superior se comparada com outras variações linguísticas, com menos prestígio social. Não que Guimarães Rosa circunscreva sua linguagem a esta ou aquela variação. Como exposto, sua língua se vale de muitos recursos, sem que se comprometa com um retrato meramente documental, preso à fala e ao sotaque dos habitantes do imenso “universozinho” em que a narrativa se desenrola.

Some-se a isso a reflexão existencial e metafísica a respeito da existência do mal, cuja figuração é o diabo, “o Cujo”. A instigante analogia com elementos da natureza, a explicar que “o diabo não há!” (p. 427), que é “o homem dos avessos”, serve para explicar

sua conclusão não conclusiva: tudo é *e* não é. O exemplo dos homens simultaneamente violentos e amorosos revela que o narrador não se limita a juízos unilaterais, taxativos, com isso *ou* aquilo. Qualquer atributo tem seus avessos. Tudo é *e* não é. Note-se que a conjunção “e” aglutina opostos, como se se unisse elementos antagônicos, as duas margens do rio. Talvez sugerindo uma terceira margem, que entrevemos ao passo que nos escapa. Tal ambiguidade perpassa todo o romance.

A começar pela construção da personagem Diadorim, bem como pela relação que Riobaldo estabelece com ela. É importante observar com os estudantes a construção dessa e de outras personagens. Citemos alguns exemplos:

Mas a água, mesma, azul, dum azul que haja — que roxo logo mudava. A vai, coração meu foi forte. Sofisei: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas as palavras? Reajo que repelia. Eu? Asco! Diadorim parava normal, estacado, observando tudo sem importância. Nem provia segredo. E eu tive decepção de logro, por conta desse sensato silêncio? [...] (p. 51)

[...] Pois minha vida em amizade com Diadorim correu por muito tempo desse jeito. Foi melhorando, foi. Ele gostava, destinado, de mim. E eu — como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim. (p. 143)

[...] Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a ideia da gente não dá para se entender — e acho que é por isso que a gente morre. [...]

Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim — de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei — na hora. [...] (p. 210)

É notável, em tais passagens, a relação ambígua que Riobaldo estabelece com Diadorim: amor *e* amizade, amizade de amor, a amizade a disfarçar o amor de um homem a outro. Também, nesses fragmentos, os olhos de Diadorim e os rios encontram-se em associação. Isso desde o primeiro encontro entre as duas personagens ainda adolescentes — encontro que culmina na travessia do rio São Francisco. Uma das mais belas passagens do romance, a travessia, indissociável do primeiro encontro com Diadorim, funciona como espécie de rito de passagem, a transformar a vida de Riobaldo: “Carece de ter coragem”, exorta Diadorim. Na sequência, Riobaldo emenda: “Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz” (p. 82). De forma que tal associação, além de amalgamar o homem à terra,

aponta para a dimensão simbólica das paisagens descritas pelo romance, como mencionado em páginas anteriores.

Para além das infindas menções a rios, recomendamos que se verifique também a construção de certas paisagens no romance, imbuídas de significados, e às vezes sutil e poeticamente personificadas: “o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns *sus-surros de desamparo*” (p. 81, destaque nosso). Paisagens que se tornam agourentas, como as Veredas Mortas, onde Riobaldo teria travado o pacto com um diabo que não se materializa:

Tem uma encruzilhada. Estradas vão para as *Veredas Tortas* — veredas mortas. Eu disse, o senhor não ouviu. Nem torne a falar nesse nome, não. É o que ao senhor lhe peço. Lugar não onde. Lugares assim são simples — dão nenhum aviso. [...] (p. 75)

Ou então:

A Guararavacã do Guaicuí: o senhor tome nota deste nome. Mas, não tem mais, não encontra — de derradeiro, ali se chama é Caixeirópolis; e dizem que lá agora dá febres. Naquele tempo, não dava. Não me alembro. Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar para trás? Travessia de minha vida. [...] (p. 210)

Destaque-se o Liso do Sussuarão, das paisagens mais áridas do romance, e cuja travessia, de início impossível, aos finais da narrativa, curiosamente após o suposto pacto de Riobaldo com o “Cão” [diabo], acaba acontecendo:

[...] Aprofundar naquele *raso* perverso — o chão esturricado, solidão, chão aventêsma [...] O que era, no cujo interior, o Liso do Sussuarão? — era um feio mundo, por si, exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem seus tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não-onde a vista não se achava e se perdia. [...] (p. 364)

Como se vê nesses exemplos, a paisagem não serve apenas de pano de fundo para o desenrolar da narrativa. Caminha associada aos estados de espírito do personagem, ora sendo dinamizada por eles, ora despertando impressões diversas, isto é, dinamizando afetos do protagonista. De forma que, apesar de inúmeras menções com diversos detalhes cartográficos e sobre a geografia da região de Minas, a paisagem torna-se subjetiva. Nas palavras de José Miguel Wisnik, referindo-se a Rosa e ao também mineiro Carlos Drummond de Andrade, tudo isso forma uma “vertente geoliterária mineira em que a natureza, profundamente entranhada de experiência histórico-social coletiva, fala em silêncio” (2018, p. 205).

Destacamos algumas passagens no que se refere à construção de personagens e das paisagens, em consonância com a divisão proposta por Antonio Candido em “O homem dos avessos”. Não é demais repetir que há uma infinidade de outras passagens que reiteram isso, bem como inúmeras outras possibilidades de abordar a obra. Aqui, comentamos apenas alguns dos aspectos básicos do romance, essa *matéria vertente* a jorrar palavras e possibilidades interpretativas. Essa proposta, vale repetir, deve preferencialmente ser realizada em clube de leitura que inclua todos os colegas e com a mediação do professor.

## **PÓS-LEITURA**

A atividade aqui proposta contempla as seguintes competências e habilidades elencadas na BNCC do Ensino Médio:

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6:** Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

### **HABILIDADES**

**(EM13LGG601)** Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

**(EM13LGG602)** Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

**(EM13LP21)** Produzir, de forma colaborativa, e socializar playlists comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, games, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

Encarar um romance extraordinário como *Grande sertão: veredas* não é tarefa simples, e dessa leitura ninguém sai incólume. A profusão de assuntos e questões formulados

por Riobaldo convida a olharmos para nós mesmos, para nossas experiências. Muito nos escapa nessa obra; também, muitas coisas Riobaldo não entende: “A gente só sabe bem aquilo que não entende” (p. 273)”. Ou ainda: “O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real” (p. 428), lamenta Riobaldo, ao rememorar a morte de Diadorim, momento em que descobre ser mulher aquele que o narrador amou como homem: “Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu soluzei meu desespero” (p. 428). De novo: o rio, o amor, a morte. Urucúia, afluente do São Francisco. Travessias.

Converse com os estudantes a respeito desses temas. É bem possível que a obra suscite outros debates, muito além das sugestões aqui registradas. Estimule a troca de impressões acerca da obra. A violência, o universo masculino e patriarcal sertanejo, as nuances de linguagem, os desmembramentos e as ramificações do amor, os conflitos em dimensão de batalha épica, o pacto: sobram questões filosóficas — metafísicas, estéticas — e sociológicas.

Para estimular a troca de impressões sobre a leitura, bem como os eventuais debates, recomendamos a leitura das cartas que os escritores Clarice Lispector e Fernando Sabino trocam entre si (ROSA, 2019, p. 439-40). Nelas, os dois escritores manifestam espanto com a leitura do romance rosiano. Recomendamos, também, a leitura de icônica e bela carta escrita por Manuel Bandeira a João Guimarães Rosa: [www.revistaprosaveroarte.com/joao-guimaraes-rosa-carta-de-manuel-bandeira-o-romance-de-riobaldo](http://www.revistaprosaveroarte.com/joao-guimaraes-rosa-carta-de-manuel-bandeira-o-romance-de-riobaldo) [acesso em: 2 jun. 2026].

Após a conversa, pode-se retomar com os estudantes o dicionário ou glossário produzido nas atividades de pré-leitura. Peça que releiam os significados propostos para os vocábulos listados e, em seguida, estimule que identifiquem alguns trechos do livro que aludam a essas palavras ou que reflitam acerca delas.

Depois, é hora de realizar com a turma um núcleo de criação artística a fim de estimular o protagonismo dos estudantes e integrar diversas linguagens, não se limitando à verbal.

Para inspirar essa primeira criação em arte, vale retomar a passagem em que Riobaldo recorda a canção de Siruiz:

Algum, aquele Siruiz, cantou, palavras diversas, para mim a toada toda estranha:  
*Urubú é vila alta,*  
*mais idosa do sertão:*

*padroeira, minha vida —  
vim de lá, volto mais não  
Vim de lá, volto mais não?...*

*Corro os dias nesses verdes,  
meu boi mocho baetão:  
burití — água azulada,  
carnaúba — sal do chão...*

*Remanso de rio largo,  
viola da solidão:  
quando vou p'ra dar batalha,  
convido meu coração... [p. 91]*

[...] O que me agradava era recordar aquela cantiga, estúrdia [...]: aquilo molhou minha ideia. [...] [p. 93]

Vale relembrar que a canção sensibiliza de tal forma o narrador que, ao molhar sua ideia, inspira Riobaldo a começar a compor seus próprios versos. Lá pelas tantas, o protagonista revela a seu interlocutor que inclusive formulou outros versos à canção de Siruiz, “para ajuntar com os antigos” (p. 230):

*Trouxe tanto este dinheiro  
o quanto, no meu surrão,  
p'ra comprar o fim do mundo  
no meio do Chapadão.*

*Urucúia — rio bravo  
cantando à minha feição:  
é o dizer das claras águas  
que turvam na perdição.*

*Vida é sorte perigosa  
passada na obrigação:  
toda noite é rio-abaixo,  
toda dia é escuridão... [p. 230]*

Estimule os estudantes a compor estrofes como as de Riobaldo. Orais, os versos apresentam ritmo preciso e métrica regular, a serviço da musicalidade, que facilita a me-

morização por meio da escuta. Trata-se de redondilhas maiores, versos com sete sílabas poéticas, comuns à poesia e à canção popular da tradição oral. Assim, a gosto do estudante, escritos e/ou orais, os versos devem ser anotados e/ou gravados em algum dispositivo móvel. Sugerimos que tomem como ponto de partida alguma passagem do romance que lhes tenha chamado a atenção. Ou que criem estrofes, preferencialmente regulares, que remetam a essa tradição oral e aludem a alguma experiência que os jovens considerem importante. Musicá-los, criar melodias em consonância com as palavras, também é possibilidade a ser considerada, conforme a preferência da turma. A ideia, aqui, é fazer de *Grande sertão: veredas* uma fonte, quem sabe a molhar as ideias e a inspirar novas criações artísticas.

Para inspirar, sugerimos que apresente a canção “Diadorando”, de Zé Modesto, interpretada por ele mesmo e pela cantora Ceumar: <https://soundcloud.com/z-modesto/2-diadorando> (acesso em: 2 jun. 2026). A gravação encontra-se no álbum *Esteio*.

# PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

## LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS: ARTE

**COMPETÊNCIA 6:** Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

### HABILIDADES

**(EM13LGG602)** Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

**(EM13LGG603)** Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

## PRÉ-LEITURA

Em consonância com a atividade de Língua Portuguesa, este é o momento para observar atentamente a capa da edição, inspirada no *Manto de apresentação*, de Arthur Bispo do Rosário. Se possível, apresente as imagens do *Manto* aos estudantes: [http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2010\\_aldafigueiredo.pdf](http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2010_aldafigueiredo.pdf) (acesso em: 2 jun. 2026).

Recomendamos que tal atividade, se possível, seja realizada com o professor de Língua Portuguesa. Sugerimos ao professor de Arte que estimule a turma a analisar os materiais utilizados pelo artista sergipano. Converse com os estudantes sobre os procedimentos e as técnicas adotadas por Bispo do Rosário, sobre as reflexões que a obra inspira, bem como a respeito de suas experiências estéticas.

Também recomendamos acessar o site do Museu da Língua Portuguesa, que ficou alguns anos fechado depois de incêndio ocorrido no final de 2015. Em 2006, quando o museu foi inaugurado, o artista homenageado foi Guimarães Rosa, esse alquimista

da língua. Vale a pena observar as imagens da instalação concebida por Bia Lessa: [www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/grande-sertao-veredas](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/grande-sertao-veredas) (acesso em: 2 jun. 2026). Analise com a turma os elementos que compõem a obra de Bia Lessa, chamando a atenção para o modo como alguns materiais, como a terra, são ressignificados pela artista: da natureza à arte. Vale a pena analisar a obra dessa multiartista estabelecendo associações com o romance.

## LEITURA

No lado avesso do *Manto*, Arthur Bispo do Rosário empregou o nome das pessoas a quem se afeiçoou em vida. São esses afetos que ficam até o momento de nossa morte. Releia com os jovens algumas passagens de *Grande sertão: veredas* que versam sobre a amizade e o amor:

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente — “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Expli-co ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas — como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. [...] (p. 211)

Meu coração rebateu, estava dizendo que o velho era sempre novo. Afirmo ao senhor, mi-nha Otacília ainda se orçava mais linda, me saudou com o salvável carinho, adianto de amor. [...]

Mas eu disse tudo. Declarei muito verdadeiro e grande o amor que eu tinha a ela; mas que, por destino anterior, outro amor, necessário também, fazia pouco eu tinha perdido. O que confessei. [...] (p. 431)

[...] Acho que, às vezes, é até com ajuda do ódio que se tem a uma pessoa que o amor tido a outra aumenta mais forte. Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colomi-nhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe. [...] (p. 139)

Riobaldo também formula frases que, quer pelo seu poder de síntese, quer pela condensação poética, funcionam como máximas, muitas das quais reproduzidas na instalação de Bia Lessa. Outras até popularizadas, a circular em redes sociais, entre outros meios.

[...] Viver — não é? — é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. [...] (p. 418)

[...] A vida é um vago variado. [...] (p. 359)

[...] Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. [...] (p. 455)

Elaborem, coletivamente uma lista dessas frases que considerem marcantes. Mais que reflexões sobre o que é o viver, há inúmeras outras que condensam alguma sabedoria da experiência ou alguma conclusão enigmática. Converse com os jovens sobre essas passagens um tanto filosóficas. Recomende que eles transcrevam essas frases em cadernos, pois serão exploradas na proposta a seguir.

Também seria interessante, se possível, retomar as definições que criaram na atividade proposta como pré-leitura nas “Propostas de atividades I” (p. 12).

## PÓS-LEITURA

Após a seleção das frases, é hora de utilizá-las a serviço da atividade que sugerimos e que decorre da criação do núcleo de criação artística. Aqui, vale se inspirar nas obras mencionadas anteriormente, tanto o *Manto da apresentação* como também a instalação de Bia Lessa. Note que ambas se valem de materiais dos mais variados, produzindo palavras e imagens em outras linguagens que se interpenetram (no caso de Bia Lessa, o audiovisual). Sugerimos, então, que incentive os estudantes a também criarem obras de arte diversas, inspirados em frases de *Grande sertão: veredas*. Outra possibilidade é aproveitar os versos produzidos nas aulas de Língua Portuguesa e transcrevê-los em outros suportes, a serem decididos coletivamente.

Para essa atividade, recomendamos que trabalhem com elementos típicos da cultura sertaneja. Além dos desenhos e das técnicas do artista Poty, mencionados nas aulas de Língua Portuguesa, também merece destaque o bordado. Há um vídeo explicando como foi feita a capa da edição de *Grande sertão: veredas* que os estudantes têm em mãos: a base foi um trabalho enorme de bordado. Os bastidores desse processo podem ser vistos em: [www.youtube.com/watch?v=nHsurzg1QJI](http://www.youtube.com/watch?v=nHsurzg1QJI) (acesso em: 2 jun. 2026).

A ideia é produzir uma espécie de exposição e/ou instalação a partir do romance rosiano, dando preferência a materiais simples e/ou rudimentares, como terra, tecido e areia, entre outros. É importante que a atividade, colaborativa, envolva toda a classe. Sugira que formem grupos, cada um deles responsável pela produção de alguma obra artística. Depois, será necessário um planejamento que considere o espaço da escola mais adequado à exposição dessa obra, e também a maneira como esse espaço será ocupado

e ressignificado. Ao começar a conceber a obra, lembre-se de listar com os estudantes os materiais possíveis e necessários e que podem ser usados na produção da atividade. Como veremos, os componentes curriculares de História e de Filosofia podem contribuir para a realização dessa proposta.

## CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS NO ENSINO MÉDIO: GEOGRAFIA/SOCIOLOGIA

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2:** Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

### HABILIDADES

**(EM13CHS202)** Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

**(EM13CHS203)** Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

## PRÉ-LEITURA

De início, cabe pontuar que, apesar de estarem subdivididas em duas partes — a primeira contemplando os componentes curriculares de Geografia e Sociologia, a segunda, de Filosofia e História —, as questões e as atividades exploradas a partir de agora se inter-relacionam: às vezes, complementando-se; às vezes, problematizando umas às outras. Isso decorre da própria ambiguidade que caracteriza *Grande sertão: veredas*.

O crítico Silviano Santiago, em “Cabo das tormentas” (2019), afirma que o “monstro rosiano desorganiza e desnorteia o ideário em pauta da nacionalidade porque ele sobrevive confinado em circuito estreito e fechado, autêntico *enclave arcaico* dentro da jovem nação brasileira” (p. 505). Essa afirmação merece ser investigada e debatida em sala de aula. Para tanto, combine com os professores dos componentes curriculares com os quais for trabalhar nesta proposta e solicitem aos estudantes uma pesquisa sobre o contexto histórico que marca a publicação de *Grande sertão: veredas* (1956).

No mesmo ano, o presidente Juscelino Kubitschek (1902-76) tomava posse e apresentava seu Plano de Metas. Como relatam as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2015, p. 417):

Seu programa de governo dava voz a uma nova e entusiástica condição de ser brasileiro que poderia contribuir para reparar as injustiças de uma herança histórica de miséria e desigualdades profundas, e serviria para abrir as portas da modernidade. A chave para construir esse novo país chama-se “desenvolvimentismo” e defendia a ideia de que nossa sociedade, defasada e dependente dos países mais avançados, dividia-se em duas: uma parte do Brasil ainda era atrasada e tradicional; a outra já seria moderna, e estava em franco desenvolvimento. Ambas, o centro e a periferia, conviveriam no mesmo país, e essa era uma dualidade que se devia resolver pela industrialização e urbanização.

Inicie uma conversa a respeito desse contexto, destacando as transformações sociais e econômicas ocorridas a partir desse período. Em seguida, apresente a obra de Guimarães Rosa, comentando suas características principais. Assim, converse — a partir do que menciona Silviano Santiago — sobre as relações entre *Grande sertão: veredas* e o momento em que foi lançado, considerando a tensão apontada pelo crítico entre a obra e o contexto histórico, que se valia de um ideal de nacionalidade e de país.

## LEITURA

Após esse bate-papo, convém destacar algumas passagens do romance que mostram outra organização social, configurada a reboque das leis oficiais, com sua ética e regime próprios, e que se vale muitas vezes da violência, de um código que sentencia a quem o infringe, recorrendo não raro a penas físicas ou à execução.

Ao lembrar sua trajetória como jagunço, e de episódios envolvendo os grupos de Medeiro Vaz, Joca Ramiro, Hermógenes (do bando dos Judas) e Zé Bebelo, Riobaldo narra diversos episódios violentos, que muitas vezes culminam em morticínio. Destaque-se, ainda, Zé Bebelo, personagem que representa de algum modo o outro Brasil, a reboque das leis do sertão, que aliás “é o mundo”: representante, de algum modo, do Brasil “oficial”, desenvolvimentista.

Zé Bebelo — ah. Se o senhor não conheceu esse homem, deixou de certificar que qualidade de cabeça de gente a natureza dá, raro de vez em quando. [...]

[...] Considerava o progresso de todos — como se mais esse todo Brasil, territórios — e falava, horas, horas. [...] Ah, mas, com ele, até o feio da guerra podia alguma alegria, tecia seu divertimento. Acabando um combate, saía esgalopado, revólver ainda em mão,

perseguir quem achasse, só aos brados: — “Viva a lei! Viva a lei...!” — e era o pipôco-paco. Ou: — “Paz! Paz!” — gritava também; e bala: se entregaram mais dois. — “Viva a lei! Viva a lei!...” Há-de-o, que quilate, que lei, alguém soubesse? [...] [p. 73-74]

O próprio Zé Bebelo, posteriormente, será julgado pelo grupo de Joca Ramiro. Vale a pena reler toda essa extraordinária sequência, um dos episódios fundamentais a Riobaldo (como também foi a travessia em adolescência pelo rio São Francisco). Não será possível aqui reproduzir o excerto, dada a extensão de páginas (p. 228-256) em que a dinâmica cena se desenrola, repleta de diálogos em que o réu, Zé Bebelo, parece ser o julgador de Joca Ramiro e vice-versa. Do episódio, Riobaldo extrai:

[...] O julgamento? Digo: aquilo para mim foi coisa séria de importante. Por isso mesmo é que fiz questão de relatar tudo ao senhor, com tanta despesa de tempo e miúcias de palavras. — “O que nem foi julgamento legítimo nenhum: só uma extração estúrdia e destrambelhada, doideira acontecida sem senso, neste meio do sertão...” — o senhor dirá. Pois: por isso mesmo. Zé Bebelo não era réu no real! Ah, mas, no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo! [...] [p. 254]

Tal atividade de leitura deve ser compartilhada com as aulas de Língua Portuguesa. Cabe aos professores de Sociologia e de Geografia contribuírem com reflexões e informações a respeito dessa passagem e sobre populações contemporâneas que hoje vivem a reboque da lei, encontrando num código próprio outras formas de organização social das quais o poder estatal passa longe. A seguir, especificaremos de que forma essas reflexões podem ser conduzidas.

## PÓS-LEITURA

Vale a pena debater a respeito dessa passagem. Zé Bebelo, com sua lei e visão de progresso, é rechaçado do sertão, sucumbe ao código de Joca Ramiro. Ali não há lugar para ele. Reflita com os estudantes sobre essas organizações de grupos à margem do Estado e que se “viram” por meio de outras condutas, longe do eixo de uma Constituição — condutas que reproduzem um universo violento. Estimule uma pesquisa a respeito dos jagunços, de sua atuação também no Semiárido brasileiro. Se necessário, releia o fragmento citado de Euclides da Cunha na introdução deste material.

Assim, retome a contextualização da obra, convidando os estudantes a refletirem sobre esses dois (ou mais) países — o do romance e o do Plano de Metas — e também sobre os que se encontram a reboque das leis, ou à margem delas, isto é, à margem do Estado, no Brasil contemporâneo. Até que ponto é viável a integração entre esses dois

países, por meio da industrialização e do desenvolvimentismo? Ao mesmo tempo, inclusive se considerarmos o fato de a obra de Rosa ser o “canto do cisne” do Cerrado, até que ponto é nefasto?

## CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS NO ENSINO MÉDIO: HISTÓRIA E FILOSOFIA

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1:** Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

### HABILIDADES

**(EM13CHS101)** Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

**(EM13CHS104)** Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

## PRÉ-LEITURA

Falamos, anteriormente, a respeito do espaço — *enclave* — em *Grande sertão: veredas*. Agora, convém discorrer sobre o tempo, que, como lembra a BNCC, é matéria de reflexão que interessa a diversos componentes curriculares:

Na História, o tempo assume significados e importância variados. O fundamental é compreender que não existe uma única noção de tempo e que ele não é nem homogêneo nem linear, ou seja, ele expressa diferentes significados. Assim, no Ensino Médio, os estudantes precisam desenvolver noções de tempo que ultrapassem a dimensão cronológica, ganhando diferentes dimensões, tanto simbólicas como abstratas, destacando as noções de tempo em diferentes sociedades. Na história, o acontecimento, quando narrado, permite-nos ver nele tanto o tempo transcorrido como o tempo constituído na narrativa sobre o narrado. (BRASIL, 2018, p. 565)

Com base nisso, estimule uma roda de conversa com a turma a respeito dessas noções diversas de tempo. A literatura, claro, é aliada fundamental nessa reflexão. As diversas temporalidades, elencadas pela própria BNCC, compõem a tessitura das narrativas e obras poéticas diversas, quando não são em si *tema* do próprio romance. Tomem-se como exemplo os diversos contos de fada e seu “era uma vez”, ou o tempo sem tempo dos mitos diversos e de várias culturas. Se avaliar que é conveniente, escolha com a turma alguns contos e/ou histórias mitológicas. Sugerimos também que se apresente a canção “Tempo escondido”, parceria de Ná Ozetti com Luiz Tatit: <https://immub.org/album/na> (acesso: 2 jun. 2026).

## LEITURA

Tentamos demonstrar como *Grande sertão: veredas* se apresenta como um objeto dissonante em relação ao espírito de nacionalidade em voga à época. Nesse sentido, a obra não deixa de ser uma espécie de “pedra de escândalo” (para retomar a expressão de Octavio Paz) a um Brasil que se pretendia moderno e industrial, como se desnudasse “os avessos” da onda ufanista que marcava o período do Plano de Metas de Kubitschek. É bem verdade que as sugestões de atividades mencionadas anteriormente incorrem em aspectos sociológicos que podem reduzir o “monstro rosiano” a uma dimensão utilitarista, porque, de algum modo, documental — mais ou menos na esteira de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. É e não é.

A dimensão simbólica com relação às paisagens rosianas, exposta antes, se constrói em razão das diversas noções temporais que perpassam a narrativa. Seria interessante rever com a turma as acepções tradicionais da temporalidade em literatura, concebidas ao menos em duas categorias: o tempo cronológico e o psicológico. A leitura das primeiras páginas do romance já revela que estamos diante de um fluxo de memórias que não obedecem ao esquema começo, meio e fim. Requer paciência, porque o leitor pode se perder tanto pelas veredas como também pelos tempos, de forma que de início não sabemos o que é mais remoto e o que é mais recente nas lembranças de Riobaldo, que galopa pelo ser-tão, interior de sua existência.

Para o aprofundamento por parte dos professores de História, Filosofia e Língua Portuguesa, recomendamos a leitura do ensaio “A matéria vertente”, de Benedito Nunes, (2019, p. 459). O filósofo analisa com detalhes as diversas figurações da temporalidade na narrativa rosiana, trazendo exemplos de passagens que podem ser exploradas em sala de aula. Citemos uma delas:

[...] Sob a englobante perspectiva da reflexão, distinguem-se vários modos de temporalidade, referidos em distintas passagens, como que intercalados no curso da aventura: o

cósmico, repetitivo, como ciclo das estações dos anos [“Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequí amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e cajú nos campos”, p. 220]; o *psicológico*, enquanto *durée* [“Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data”, p. 77]; e o *instantânea*, rapto e arroubo místicos, depois da invocação do demo das Verdades-Mortas [“Despresenciei. Aquilo foi um buracão de tempo”, p. 304].

Essa tematização mostra-nos que Riobaldo debate o tempo e se debate contra ele, arguindo-o como raiz do suceder e, portanto, do Destino. [...] [p. 468]

Assim, no fluxo dos afetos de Riobaldo, embarcamos num tempo em torvelinho, no meio do redemoinho, sem saber exatamente em que época transcorrem aqueles eventos. Dadas as noções temporais elencadas por Benedito Nunes, que apontam inclusive para as acepções de tempo mais arcaicas [a do tempo cósmico], fica difícil precisar quando transcorrem as ações narradas pelo protagonista. No entanto, de passagem, Riobaldo menciona a Coluna Prestes: “Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucúia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia” (p. 76).

De algum modo, a narrativa é circunscrita num tempo histórico — idos do século xx (no caso da Coluna Prestes, anos 1920) —, o que descarta a classificação de uma obra fora do tempo, do tempo sem tempo, mítico, embora portadora também dessas outras acepções.

## PÓS-LEITURA

Debater essas diversas noções de temporalidade e também o paradoxo entre o simbólico e o histórico que se interpenetram em *Grande sertão: veredas* sem dúvida enriquece a análise da obra. Dessa forma, trata-se de componente curricular imprescindível de ser trabalhado com Língua Portuguesa. Note-se que, em todas as atividades propostas ao longo deste material, a leitura analítica gera mais questionamentos do que elucidações, aponta mais para contradições e paradoxos do que para respostas prontas. Convida a todos os leitores, sobretudo, a indagar (verbo assim mesmo, intransitivo, ou de transitividade infinita). Portanto, imprescindível ao desenvolvimento crítico dos jovens do Novo Ensino Médio.

Do *nonada à travessia*, o monumento de palavras é encerrado em verdade por um signo não verbal, a simbolizar o infinito, ou uma fita de Moebius em que, em looping, em fluxo de rio, como o do Urucúia ou o do “de janeiro”. Ambos desaguam nas águas escuras e na fundura do do-Chico, o rio da travessia riobaldiana.

Vale estimular os estudantes a considerarem, na criação de sua instalação e/ou exposição em parceria com os componentes curriculares de Arte e de Língua Portuguesa (páginas 29-32 deste material), elementos que possam representar as diversas temporalidades a que nos referimos via Benedito Nunes. Para tanto, estimule que pesquisem como o tempo se manifesta também por meio de imagens. Um exemplo é a célebre obra *A persistência da memória* (1931), óleo sobre tela de Salvador Dalí (1904-89) que se relaciona indiretamente com as questões aqui apontadas: <https://www.moma.org/collection/works/79018> (acesso em: 2 jun. 2026).

Não se trata, de forma alguma, de filiar a obra de Rosa a essa tela surrealista. O que importa, aqui, é a figuração imagética de outro tempo, alheio à precisão das engrenagens dos relógios ou da linearidade dos calendários que contam os anos para a frente. Estimule, assim, a criação de imagens que representem, também, essas outras temporalidades. Ou o uso de outros recursos que remetam à importância do tempo na narrativa.

# APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

## ALGUMAS TENTATIVAS DE DOMESTICAÇÃO DA OBRA SELVAGEM

O crítico Silviano Santiago, em *Genealogia da ferocidade*, seleciona algumas leituras interpretativas de *Grande sertão: veredas* e as classifica como processos de “domesticação” da obra que erige selvagem (2017, p. 27). É verdade que tais processos se fazem importantes e imprescindíveis, sobretudo quando a finalidade é didática. Aqui mesmo, tentamos resgatar algumas das leituras críticas que nos guiam pelas veredas engolidas pela imensidão do São Francisco (“Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda. E algum ribeirão”, p. 59). Para todo conceito teórico, a serviço da leitura crítica, haverá, também, seus *avessos*. *Tudo é e não é*.

Mesmo que de modo panorâmico, tentamos expor alguns aspectos marcantes da obra. Algumas lacunas merecem agora ser preenchidas, o que não significa que o livro repousará confortavelmente nos conceitos que tentam domesticá-lo. Ao contrário: arredo, continuará a nos escapar, deixando-nos mais dúvidas do que respostas. *Neblinas*. Em *Grande sertão: veredas*, como dissemos anteriormente, sussurram ecos de tradições narrativas outras, como a epopeia e a novela de cavalaria (gênero que deriva da epopeia). Manuel Cavalcanti Proença, a quem antes fizemos menção, analisa com minúcia esse aspecto.

No que se refere às novelas de cavalaria, Proença destaca “o sentimento de honra” que rege os jagunços. Outras características dessas vertentes narrativas são a “morte à traição” cometida por Hermógenes, assassino de Joca Ramiro, sem falar da bem-sucedida travessia pelo Liso do Sussuarão, já no final do romance, e que ocorre sob a liderança de Riobaldo, rebatizado Tatarana e depois Urutú-Branco. A mudança de nomes conforme ascende à liderança do bando também é distintivo medieval. Do épico, Cavalcanti Proença nota que Riobaldo funciona como verdadeiro protagonista da narrativa, sempre à frente dos combates. Além disso, a obra apresenta infinitas outras histórias, dotadas até de unidade própria, mas que convergem para a trama central (PROENÇA, 1956, p. 169-71).

Trama essa que consiste na preservação da honra de Joca Ramiro, o que só aconteceria quando Hermógenes pagasse pelo assassinato e pela traição. Busca pelo traidor, à semelhança de Judas. E que implica a travessia do inóspito Liso do Sussuarão e também um curioso (duvidoso) pacto com o diabo, “à meia-noite, nas Veredas-Mortas”. Em retrospecto, isso não deixa de ser o emblema e a síntese dos inúmeros paradoxos que atravessam *Grande sertão: veredas*. Diz-nos Riobaldo: “O que era para haver, se houvesse, mas que não houve: esse negócio. Se pois o Cujo nem não me apareceu, quando esperei, chamei por ele? Vendi minha alma algum? Vendi minha alma a quem não existe?” (p. 347).

Angústia que só é mitigada por Quelemém, a quem Riobaldo contou primeiro sua história, quando hóspede deste, e que nos reconta como anfitrião nosso. Aliás, sobre contar a história, algumas considerações merecem ser registradas. Roberto Schwarz (2019, p. 441), em “Grande sertão: a fala”, nota que o romance rosiano, iniciado com um travessão, indica a ausência do autor. No entanto, como é forte a presença do senhor, o interlocutor, pode-se afirmar que a obra consiste em “diálogo pela metade, ou diálogo visto por uma face. De qualquer modo, trata-se de um monólogo *inserto* em situação dialógica” (idem, p. 442). Já para Silviano Santiago, esse interlocutor ocupa, aos poucos, papel de “coprotagonista, servindo de contraponto domesticador das ideias mais afoitas ou mais destemperadas do jagunço observado [...] funciona como válvula de escape moral” (2017, p. 66).

Além do monólogo dialógico, das tensões entre as modalidades oral e escrita da língua, ao longo deste material procuramos elencar uma série de ambiguidades patentes na obra: ambiguidades que perpassam as dimensões concretas simbólicas de seus espaços, os tempos histórico, cósmico e psicológico, o pacto firmado com o Cujo (entidade não existente), o gênero de Diadorim só revelado no fim da narrativa, entre outras.

Para encerrar, a obra se constrói sob a estética da *indeterminação*, como bem formula Hansen (2009, s. p.):

Indeterminação como se ela correspondesse a conteúdos ausentes ou ocultos por formulações metafóricas que devem ser explicitadas alegoricamente por meio dos conteúdos exteriores dos sistemas aplicados pelos intérpretes. Penso a indeterminação como objeto intencional, ou seja, como objeto artificialmente construído pelo trabalho técnico do autor.

Daí as dificuldades em enquadrar *Grande sertão: veredas* a este ou àquele conceito, ou em buscar paralelo nas tradições das outras escolas literárias brasileiras. O que reforça o caráter selvagem da obra, resistente a qualquer processo de domesticação e que, por isso, continua a desafiar leitores diversos, a convidá-los à travessia desse romance “que de tão grande se comparece” (p. 435), leitores cientes ou não de que a canoa não boia, afunda nas águas barrentas — ser-tão da existência.

## SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

### FILMES

*Grande sertão*. Direção: Geraldo dos Santos Pereira e Renato dos Santos Pereira. Brasil, 1965, 92 min. No elenco: Mauricio do Valle, Sonia Clara e Graça Melo, entre outros.

Primeira adaptação ao cinema da obra de Guimarães Rosa, o filme concentra-se em alguns episódios do romance. A trilha sonora é assinada por Radamés Gnatalli.

*Outras estórias*. Direção: Pedro Bial. Brasil, 1999, 114 min. 14 anos. No elenco: Paulo José, Anna Cotrim, Silvia Buarque, Marieta Severo, entre outros.

Ambientado no interior de Minas, as personagens, que se encontram num velório de um homem criminoso e morto violentamente, relembram diversas histórias (todas baseadas em obras de Guimarães Rosa), ao passo que temem vingança dos irmãos do homem.

*Mutum*. Direção: Sandra Kogut. Brasil, 2007, 90 min. Livre. Trilha sonora de Moreno Veloso e Jaime Além. No elenco: Thiago da Silva Mariz, João Miguel, Izadora Fernandes e Rômulo Braga, entre outros.

Inspirado em *Campos gerais*, narrativa protagonizada pelo memorável Miguilim, o filme tem como personagem principal Thiago. A narrativa cinematográfica concentra-se no ponto de vista desse personagem e em suas descobertas, dolorosas e encantadoras.

*Sujeito oculto: na rota do grande sertão*. Direção: Silvio Tandler. Brasil, 2013, 26 min. Livre. Nesse documentário de curta-metragem, Silvio Tandler reconstitui a trajetória de João Guimarães Rosa pelo interior do Brasil antes de escrever *Grande sertão: veredas*. No caso, o diretor se envereda pelas trilhas por onde Guimarães Rosa viajou em companhia do vaqueiro Mariano, sobre quem escreveu no livro póstumo *Estas estórias*.

*Rio de Janeiro, Minas*. Direção: Marily da Cunha Bezerra. Brasil, 1991, 8 min.

Esse curta de ficção, narrado por uma voz masculina, inspira-se no encontro de Riobaldo e Diadorim ainda adolescentes no porto do “de-Janeiro” — encontro que culmina na emblemática travessia pelo rio São Francisco.

## SÉRIE DE TELEVISÃO

*Grande sertão: veredas*. Direção: Walter Avancini. Brasil, 1985, 840 min. 12 anos.

A minissérie, livre adaptação da obra de Rosa, foi um marco para a TV brasileira. Com Tony Ramos no papel de Riobaldo e Bruna Lombardi no papel de Diadorim, foi ao ar pela Rede Globo em 1985, entre os meses de novembro e dezembro.

## TEATRO

*Grande sertão: veredas*. Concepção, direção geral, adaptação e desenho de luz: Bia Lessa. Brasil, 140 min.

A obra mistura diversas linguagens — a do teatro, a do audiovisual, entre outras —, de forma que o espetáculo funciona, também, como instalação. No elenco, Caio Blat, Balbino de Paula, Luisa Arraes e Luiza Lemmert, entre outros. A peça, ainda, contou com as contribuições de Flora Sussekind, Silvano Santiago, e com a música de Egberto Gismonti.

## MÚSICA

*Rosário: canções inspiradas no sertão de Guimarães Rosa*. Grupo Nhambuzim. Disponível em: <https://www.nhambuzim.com.br/>. Acesso em: 3 jun. 2026.

O disco, lançado pelo grupo Nhambuzim em 2008, apresenta uma série de faixas autorais, além de interpretar composições de outros autores e que partilham a mesma inspiração em João Guimarães Rosa. “A terceira margem do rio”, de Caetano Veloso e Milton Nascimento, e também “Sagarana”, de João Aquino e Paulo César Pinheiro, integram o repertório do grupo.

## BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

Marco da historiografia literária nacional, trata-se de uma obra de referência para quem pretende conhecer, panoramicamente, os principais autores e movimentos literários — desde a literatura colonial até as manifestações literárias dos anos 1970 e 1980.

CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: *Tese e antítese*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.

Ensaio fundamental em que Antonio Candido desenvolve uma bela e clara leitura

analítica da obra de Guimarães Rosa, a partir da qual se edifica toda uma consistente fortuna crítica da obra rosiana. Trata-se, assim, de um texto pioneiro.

ANTONIO FILHO, Fadel David. “Sobre a palavra ‘sertão’: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica)”. *Ciência Geográfica*, Bauru, vol. xv, n. 1, jan.-dez. 2011. Disponível em: [https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV\\_1/AGB\\_dez2011\\_artigos\\_versao\\_internet/AGB\\_dez2011\\_11.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf). Acesso em: 3 jun. 2026.

Como sugere o título, o autor investiga a polissemia da palavra *sertão*, recorrendo inclusive à etimologia do vocábulo, que designa genericamente regiões interiores do país.

HANSEN, João Adolfo. *O O: a ficção da literatura em “Grande sertão: veredas”*. São Paulo: Hedra, 2000.

Nesse denso e primoroso ensaio, em si também uma obra literária e filosófica, o autor analisa muitas das características da linguagem de Riobaldo, avaliando o entrelaço entre as linguagens citadina e regional, entre muitos outros elementos.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

Neste belo livro de ensaios, bell hooks apresenta instigantes reflexões sobre a educação nos Estados Unidos, na era do multiculturalismo. A educação pela liberdade, defendida pela autora, passa pela transgressão de fronteiras raciais, socioeconômicas e de gênero.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. “Trilhas no grande sertão”. In: *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Grifo/MEC, 1959.

Estudo seminal da obra rosiana, talvez um dos mais abrangentes de toda sua fortuna crítica. O autor, como poucos conseguiram em seu período, adentra profundamente na obra de Rosa, considerando seus aspectos linguísticos, além de estabelecer interfaces com outras modalidades narrativas, como a epopeia e as novelas de cavalaria.

SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa*. Recife: Cepe, 2017.

O autor apresenta aqui o *monstro rosiano*, verificando também as tentativas de domesticação por parte da crítica literária. Nesse livro, Santiago desconstrói, valendo-se de conceitos do filósofo Jacques Derrida, boa parte da principal fortuna crítica da obra de Guimarães Rosa.

SCHWARCZ, Lilia, M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

As autoras, nessa longa obra de linguagem cristalina, narram a história do país tendo como eixo muitos dos problemas que caracterizam cronicamente nosso Estado-nação. O texto, poroso, escrito sob dicção de ensaio, refuta leituras teleológicas ou totalizantes, revelando que a história é inacabada e dinâmica.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Lançada em 1957, este é um estudo fundamental para quem quer se aprofundar nos aspectos históricos e sociais que concorreram para a consolidação do romance. Para o autor, pensamentos inovadores como o de René Descartes e John Locke, o advento da classe média e as transformações econômicas que caracterizam a modernidade contribuíram decisivamente para a afirmação e popularização desse gênero literário.

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

A partir de uma viagem a Itabira, cidade natal do poeta Carlos Drummond de Andrade, o autor formula este fundamental e belo ensaio que versa tanto sobre a relação entre o poeta e Itabira como sobre a forma como seus textos (ante)veem os prejuízos e devastações causados pela atividade mineradora.

## **OBRAS CITADAS**

ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

CUNHA, Euclides. *Os sertões: campanha de Canudos*. Estabelecimento de texto, notas e cronologia de Andre Bittencourt. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras histórias*. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

HANSEN, João Adolfo. “Forma e indeterminação em *Grande sertão: veredas*”. Disponível em: <https://sibila.com.br/mapa-da-lingua/forma-e-indeterminacao-em-grande-sertao-veredas/2251>. Acesso em: 3 jun. 2026.

LORENZ, Gunter. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In: *Diálogo com a América Latina*. Trad. Rosemarâ Costhek Abílio. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1973.

“João Guimarães Rosa – Carta de Manuel Bandeira ‘O romance de Riobaldo’”. Revista Prosa, Verso e Arte. Disponível em: [www.revistaprosaversoearte.com/joao-guimaraes-rosa-carta-de-manuel-bandeira-o-romance-de-riobaldo](http://www.revistaprosaversoearte.com/joao-guimaraes-rosa-carta-de-manuel-bandeira-o-romance-de-riobaldo). Acesso em: 3 jun. 2026.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico*. Trad. Posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2009.

NUNES, Benedito. “A matéria vertente”. In: ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTIAGO, Silvano. “Cabo das tormentas”. In: ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARZ, Roberto. “Grande sertão: a fala”. In: ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.